

Ribeira Minho,

uma Paisagem Cultural

Antero Leite

Da estrada em asfalto o Minho avista-se mas não se vê. É preciso descer pelos estreitos caminhos e carreiros do contrabando até ao rio. Só então ele se revela e de que forma!

De início, é impetuoso. Estrangulado em vale estreito, lança as suas águas violentamente contra as margens rochosas espumando em *cachões*. Depois, mais calmo, espraia-se por seixais, acaricia ilhotas e ínsuas, esconde-se em quietos remansos. Outrora, em invernos chuvosos cobria com ricos nateiros as várzeas ribeirinhas fertilizando-as. Hoje, os muros hidroelétricos galegos ditam o seu regime irregular, com subidas e descidas bruscas que deixam ao sol e aos corvos os muitos milhares de ovas da lampreia comprometendo ainda mais a reprodução desta espécie. Na vazante e no seu estuário esgueira-se por bancos de areia -os *secos*, por onde dificilmente navega o *truque* ou a *masseira*.

Este rio brota dos altos pedregosos de Irimia e por cerca de 300 kms trabalha o seu destino como um ser humano: infância, adolescência e velhice. Morte não. O Minho ainda resiste e dá.

Estar junto dele é o fascínio ao contemplar-se, espelhados na água, os cobertos arbóreos das suas margens onde se encontram ainda algumas manchas de carvalho-roble, sobreiro, freixo, choupo, bidoeiro e salgueiro, restos de florestas antigas emergindo de matos de tojo e fetos entremeados de urze, carrasca e queiró, florescendo no verão em matizes de lilaz e rosa. Diversidade e cor a que se alia a paisagem agrária dos *campos-prados* ribeirinhos, milheirais e pastos numa rotação incessante. Na meia encosta, a vinha onde o *Alvarinho* agarra o agricultor à terra recompensando-o.

À beira Minho, é escutar o vizinho da outra margem ou os pescadores na faina em fins de tarde de ouro; ouvir o seu chape-chape contra os cascos ancorados, ficar-se surpreso pelo ágil voo do *guardarrios* e seu repentino mergulho sobre o peixe que saltou, descobrir a toupeira de água ou a furtiva lontra, encontrar o trovisco e lembrar tributos do medievo, sentir as fragâncias do rosmaninho e alfazema, ver o armar das artes e ouvir os velhos pescadores contar as histórias das grandes redadas de lampreia e do sável, as teimas do salmão em não se deixar apanhar, das cheias em que o rio era, nuns anos *colado* e noutros *coladinho*, como na Ponte do Mouro.

Ribeira Minho, espaço cultural onde se fixaram povos e civilizações várias que deixaram referências nas insculturas paleolíticas, nas jazidas do Asturiense, no megalitismo, nos castros e citânias, nas vias e nas pontes romanas do seus afluentes. Minho, *navegável em oitocentos estádios*, segundo Estrabão, grande estrada líquida por onde o Império recebeu o ouro e o estanho das minas do interior montanhoso. Rio de estuário aberto às rápidas incursões árabes e normandas, fronteira da *terra portucalense*. e ponto de partida da nossa expansão marítima. Rio das peregrinações a Santiago atravessado pelos romeiros a vau ou em barcas de passagem. Na suas margens ergueu-se a grande catedral, o mosteiro cisterciense, a singela ermida, a igreja barroca, a fortaleza e o solar. Um paisagem com Memória.

Ribeira Minho, paisagem de Cultura popular.

No falar e cantar, nas festas e tradições das duas margens não faltam analogias, resultado de uma vivência em permanente contacto Há festa da solha em Lanhelas e da lampreia em Arbo. Roubam-se telhas para dar ao S. Martinho em Fornelos e ao S. João de Arga. Na Sr.a da Cabeça galegos e portugueses atravessam o rio para dançarem no areal. O *lanço da Cruz* é recíproco e tem as suas prováveis origens em antigos cultos da água. A luta entre a *Coca* e o *S. Jorge* em Monção e em Redondela reside em idêntico imaginário: o dos rios Minho e Alvedoza "*habitados por monstros aquáticos*" segundo o etnógrafo galego BOUZA BREI. Combate vitorioso do Bem sobre o Mal na interpretação da Igreja, mas que o povo não a perfilha totalmente, pois, por vezes, são em maior número os que apoiam a *bixa* e nem sempre o *S. Jorge* vence.

Ribeira Minho, paisagem com pesqueiras.

Velhas de séculos ou mesmo quase milenares, pois já no sec. XI eram referidas em doações a mosteiros e ao cabido de Tui, as pesqueiras do Rio Minho como bens culturais fazem parte do património paisagístico da Ribeira Minho e testemunham saberes ancestrais na escolha dos melhores sítios para se implantarem, na sua orientação em relação às correntes do rio, no trabalhar a pedra e erguer dos panos dos muros, na escolha da arte da pesca mais adequada e ainda no sistema de partilha comunitária do seu uso.

Na evolução destas construções fixas para a pesca passou-se duma fase ainda influenciada por primitivas técnicas recolectoras para outras onde os processos de captura foram sucessivamente aperfeiçoados. Inicialmente aproveitaram-se os *cotos*, grandes penedos sobranceiros às águas do rio e aos quais se acedia por troncos de árvores partindo das margens. Depois talhou-se a rocha junto à margem de modo a obterem-se degraus em diferentes alturas para se lançar as redes e melhorou-se o seu acesso pela colocação de passagens em blocos de granito.

Existem pesqueiras *naturais* ou outras onde a intervenção humana foi mínima. Em Bela encontram-se algumas destas pesqueiras designadas de "*pontas de huns penedos*" pelo vigário da freguesia ao responder ao "*Inquerito*" de 1758. Aqui, como nos *cotos*, o rio é suficientemente alto para se poder redar mas em outros lugares a montante, o Minho corre encaixado e o seu leito é baixo e daí a necessidade de se utilizar outros processos de captura do peixe. Surgiram então os *caneiros*, corpos em pedra (*piais*) em cujo intervalo se colocam os *botirões*.

As *pesqueiras-caneiros* apresentam-se mais elaboradas, pois além de poderem ter mais de dois corpos algumas delas terminam por uma cauda ou *rabo* que, em alguns casos, se encontra ligada à cauda da pesqueira galega formando açudes. Existem ainda pesqueiras-caneiros que permitem o emprego de redes e também de *botirões*. Foram construídas de tal forma que o seu último corpo se encontra em zona do rio suficientemente profunda para o lançamento da *cabaceira*.

Os pescadores mais velhos recordam-se de grandes redadas em sável e salmão, espécies que eram atraídas no mar pela água doce do Minho e que, hoje, para além de alguma poluição, nem sempre tem caudal suficiente para os chamar em número abundante aos locais de desova, sobretudo em anos secos ao ficar represado nas albufeiras galegas. A lampreia, contudo, teima em continuar a subir o rio até à zona das pesqueiras para se reproduzir escolhendo como *maternidades* os locais com fundo arenoso e seixos.

Segundo dados de pesca declarada, publicados pela Capitania de Caminha, pescaram-se no Minho, entre 1989 e 1993 e na época da pesca, 115.783 lampreias, 625 salmões e 6210 sáveis, estimando-se em 29.835 as capturas daquelas três espécies pelas 149 pesqueiras que estavam autorizadas a redar, número que poderia vir a aumentar no futuro pois existem inventariados 565 corpos de pesqueiras, só na margem esquerda, entre a Lapela e S. Cristóval. Para tal é necessário que as condições do Minho para a pesca sejam melhoradas em termos de despoluição e de regularização dos caudais da barragem galega de Frieira.

É necessário ainda que seja abandonado o projecto de construção em Sela de mais um muro de betão que, a ser erguido, transformará quase todo o Minho num pântano hidroeléctrico onde ficarão para sempre submersas mais de 700 pesqueiras de ambas as margens. A esta grave perda no Património Cultural da Ribeira Minho há a acrescentar a destruição, já consumada, da Quinta de Santo Antão, em Messsegães.

Numa região afectada pela interioridade e onde as alternativas de desenvolvimento são escassas, a exploração das pesqueiras contribui para a complementaridade de rendimentos dos agregados familiares influenciando o poder de compra concelhio, sobretudo na época da pesca, não sendo também de negligenciar alguns efeitos multiplicadores no emprego a montante (na arte de pedreiro pelas obras de conservação, na fabricação artesanal de redes) e a juzante no terciário (sobretudo na restauração).

Justifica-se assim a classificação das pesqueiras como *Património histórico-cultural concelhio* à luz dos novos critérios da UNESCO. Protegê-las pelo uso mas também divulgá-las. Promove-se actualmente a *Rota do Românico da Ribeira Minho*. Algumas das pesqueiras foram possivelmente obra de mestres pedreiros que também trabalharam nos mosteiros de Sanfins, Longos Vales, Paderne e Fiães.

Na promoção da região não se deveria apenas valorizar o aspecto histórico-artístico dos monumentos religiosos mas antes incluir certos percursos, em pequenos grupos, com guias habilitados, pela área dos coutos monásticos. Neste caso, caberia percorrer o que resta dos caminhos medievais que conduziam às pesqueiras. Seria ainda uma oportunidade de os visitantes ficarem a conhecer a grande qualidade cénica da beirada do rio e na época da pesca dar-se-lhes ia a possibilidade de assistirem ao lançamento da "cabaceira" ou de verem o "botirão" armado nos caneiros.

No regresso do rio seria, então, ocasião de lhes proporcionar os paladares da cozinha monástica. O local poderia ser, por exemplo, Paderne, S. Fins de Frietas ou Longos Vales utilizando-se refeitórios nos edifícios anexos após receberem obras de beneficiação. Para o efeito torna-se necessário recuperar alguns dos pratos que compunham as *dietas* dos monges em períodos de abstinência, nas quais entrava a lampreia, o sável e o salmão pescados no Rio Minho através das artes armadas nas pesqueiras. Não sendo época de pesca, mesmo assim, poder-se-ia oferecer-lhes uma gastronomia local: a da *lampreia seca e fumada*, especialidade de muitos restaurantes ribeirinhos que a apresentam em diversas formas: *assada na brasa e regada com molho verde; enrolada com presunto e assada no forno; frita com ovos; cozida*

com batatas e couves e regada com azeite. Ou então aquele pitéu para o sável que nos foi revelado por um pescador reformado do Maninho (Alvaredo):

"Escamava-se, tiravam-se as 'mílharas', abria-se da parte de baixo à parte de cima; depois era cortado às postas que eram salgadas, metidas numas telhas sobre o fogo. Arranjava-se uns 'pichos' de carvalho (não se podia pôr a mão no sável porque estava coberto de salmoura, senão ela estragava-se) Então com os 'pichos' tiravam-se as postas com jeito. Às savelhas fazia-se igual. Uma pessoa tinha um posta frita, botava num bocado de pão, de broa, bebia uma tigela de vinho ou duas e lá marchava!. Era o governo do lavrador e pescador"

Ribeira Minho, paisagem cultural que se perde?

Das águas do Minho e no seu curso médio colhe-se já uma impressão que não deixa de ser preocupante. Aquilo que constituía uma paisagem harmoniosa com os principais núcleos populacionais concentrados em torno das alvas igrejas paroquiais e os casais dispersos mas integrados no meio pela sua arquitectura, transforma-se numa mistura de construções de vários tipos e volumetrias espalhadas anárquicamente pela meia encosta e mesmo no solo agrícola. No passado, produziu-se com base em recursos naturais que se transformavam em produtos de subsistência, havendo algum excedente para se trocar nas feiras e mercados por bens importados. Sempre se soube valorizar a paisagem ribeirinha por usos tradicionais que se reproduziam de geração em geração e houve evolução no espaço agricultado pelo crescente amanho de superfícies com aptidão. Hoje delapidam-se espaços para mera fruição, reduzindo-se cada vez mais a margem de auto-consumo das comunidades ribeirinhas.

Agricultados e protegidos, os espaços ribeirinhos encerraram paisagens vivas e humanizadas. Estará a Ribeira Minho, como paisagem rural, também em extinção definitiva? Às populações das suas margens compete decidir sobre se preferem um desenvolvimento sustentável alicerçado em actividades tradicionais valorizadas e outras que lhes sejam complementares ou deixarem-se enredar por propaladas vantagens de curto prazo, quase sempre revertendo para interesses alheios à região. Terão que optar pela integridade da sua identidade ou pela descaracterização banalizadora. Em outros lugares o dilema colocou-se nos mesmos termos e nem sempre se escolheu o melhor. Sob o lema da diversificação, utilizaram-se recursos escassos a novos usos alternativos sacrificando-se o agrícola e arrastando na sua queda um conjunto de actividades a montante e a juzante que contribuíam para a quase auto-suficiência das comunidades. Na Ribeira Minho essa desarticulação já se iniciou em maior expressão na sua parte média com o satisfazer da procura de espaços para lazer. Subsistem, contudo, na região paisagens preservadas pela capacidade de resistência camponesa à desmotivação. Nelas, a função agrícola é predominante. Resta saber por quanto tempo sobreviverá.

Em Tui, na outra margem do rio, existe um arruamento muito antigo sobranceiro ao Minho: a rua de *Entre - Fornos*. Há algum tempo atrás, percorríamos a velha calçada e ao passar em frente a uma das características entradas chamou-nos a atenção uma janela aberta sobre o rio que se via no interior da habitação. Senhora idosa convidou-nos a entrar e contou-nos a sua história. Tinha sido casada com um português e para o recordar abria sempre a janela para contemplar Portugal. Aproximamo-nos e ficamos fascinados com o que dela se via. O Minho corria largo e tranquilo marginando veigas e mais veigas em tons vários de verde salpicados a branco e amarelo da floração primaveril. Uma ténue linha azulada de montanhas fechava o horizonte.

Janela símbolo do Espaço/Memória ou da Paisagem perene/Evocação.

Que outras *janelas/Memória* da Ribeira Minho permaneçam sempre abertas!